

TABULEIRO DE LETRAS

A Arte de Marilene Brito (Criadora das bonecas articuladas - terapêuticas e ecológicas)

Joceval Andrade Bitencourt¹

Cuidadora de uma estética que lhe é toda própria, que lhe pertence por inteiro, com força suficiente para deslocar-se de seu pequeno pedaço de chão, alçar voo, alcançar outras terras. Claro que, para isso, Marilene Brito encontrou Juracy Dórea, Erivelton Figueiredo, Maristela Ribeiro, a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Valério Voltz, Dilton Coutinho que, através das ondas do rádio – Rádio Sociedade de Feira de Santana – levaram sua obra para outras fronteiras. Entre tantos outros, tocados pela força de seu trabalho, tornaram-se seus mecenas, seus cuidadores e divulgadores. Estes não lhes fazem nenhum favor, apenas quiseram compartilhar com o mundo a boa nova de sua descoberta estética.

Ao longo da história, a arte sempre precisou desses espíritos refinados. Sem eles, apesar do valor da obra, seus voos quase nunca alcançariam grandes alturas. Marilene Brito, líder comunitária, professora, devota de São José, mulher simples e guerreira, que vive à beira da estrada da vida, lá pelas bandas de Feira de Santana, na Fazenda Engenho Velho, distrito de João Durval Carneiro, antigo Ipuacu, tomando seu pai como inspiração, tornou-se uma artista. Se, no primeiro momento, a criação das bonecas atendia às necessidades lúdicas de uma criança pobre, que, não tendo como comprar seus brinquedos, reciclava o lixo e com ele construía suas bonecas, no segundo momento, usando esse mesmo material – associado a uma sofisticada técnica de trançar o arame, possibilitando que suas bonecas adquiram articulações, movendo-se segundo o desejo de seus cuidadores – fez nascer sua arte.

É a vida, apesar de todas as suas vicissitudes, clamando pelo belo. Para esse tipo de arte, identificada como “arte popular”, ou “a arte dos pobres” – esta última é uma definição de Raul Córdoba, artista pernambucano e crítico de arte –, as portas dos museus não se abrem, as

¹ Doutor em Filosofia (PUC-SP). Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Email: joceval.bitencourt@yahoo.com.br

galerias, as catedrais das artes viram-lhe as costas, destituindo-a de qualquer valor artístico. Se, apesar de todas as resistências, de todas as negações que lhes são impostas, restando-lhe as “cercas que separam quintais” para expor suas obras, essa obra resiste, encanta, seduz, é porque ela tem um valor em si mesma, tem força suficiente para se afirmar e conquistar olhares mais abertos, menos subordinados à conservadora métrica acadêmica.

Quando vejo a obra de Marilene Brito, sinto-me como se estivesse ouvindo *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga; o *Cordel de Cuica de Santo Amaro*; os *repentes de Bule Bule*; os versos, quase religiosos, de *Patativa do Assaré*. Sinto-me diante dos bons carranqueiros, Sebastião Branco e Ana das Carrancas, lá das bandas de Juazeiro e Petrolina, que dão vida aos seus monstros assustadores, para deles afastar os seres mágicos que povoam o imaginário dos navegantes do velho Chico; do Grande Mestre Vitalino, Senhor absoluto na arte do barro; ou de tantos outros, mais, ou menos conhecidos, artistas populares que, desprovidos de qualquer conceito acadêmico, movidos por uma sensibilidade natural, quase que biológica, orientados por um realismo quase aristotélico, vão colorindo a vida com suas artes.

Em uma definição sobre a arte, Ferreira Gullar disse que a "verdadeira arte", é "aquela que transcende a dor e transfigura o sofrimento em beleza". Como toda definição, essa também deixa fora dela um monte de arte que não nasce da dor ou do sofrimento, mas que vem ao mundo por pura admiração e fruição do belo, sem ser sequer tocada por esses sentimentos. Assim como a vida, a arte não é feita somente de "sofrência". É claro que Gullar tem consciência dos limites de sua demarcação. Entretanto, tal definição abraça, na justa medida, a arte que nasce do povo, que é a expressão da carne, representação de uma estética ressequida do mundo, marcada pelas dores que a vida lhe impõe. O que parece ser sua fraqueza transfigura-se em sua força. Em nada tal constatação diminui seu caráter transgressor, e, apesar de todas as resistências, ela subverte a ordem estética da academia, subverte a ordem política do mundo, impõe-se, como arte, àqueles que, prisioneiros no pedestal da formalidade, insistem em não vê-la, ou vê-la como subproduto de uma razão ainda infantil, que, não sendo capaz de representar-se conceitualmente, não pode ter sua arte reconhecida como Arte.

Esses artistas nunca frequentaram uma academia, jamais sequer visitaram um museu de arte, não sabem o que é a régua, muito menos o compasso, pouco acesso tiveram ao mundo das letras. Mas suas obras têm aquilo que faz uma obra tornar-se ARTE: têm vida, são portadoras da alma, da linguagem, da experiência estética de um povo de quem ela, buscando representá-lo, torna-se porta voz. Com certeza é dessa arte que nos fala Mário de Andrade,

modernista de primeira cepa, autor de Macunaíma, herói sem nenhum caráter, devotado à arte popular, quando diz: “[...] do fundo das imperfeições de tudo quanto o povo faz, vem uma força, uma necessidade que, em arte, equivale ao que é a fé em religião. Isto é que pode mudar o pouso das montanhas. É mesmo uma pena, os nossos (artistas) não viajem o Brasil. Vão na Europa, enlambusam-se de pretensões e enganos do outro mundo, pra amargurarem depois toda a vida numa volta injustificável. Antes fizessem o que eu fiz, conhecessem o que amei, catando por terras áridas, por terras pobres, por zonas ricas, paisagens maravilhosas, essa única espécie de realidade que persigo através de todas as teorias estéticas, e que é a própria razão primeira da Arte: a alma coletiva do povo”.

O modernista tem razão. Essa arte, a de Marilene Brito, o povo entende e gosta de ver, de contemplar, porque com ela o povo aprende (ela é pedagógica), se vê, se reconhece no que vê, numa experiência quase narcísica, admira a beleza de sua imagem refletida na obra/arte que corresponde à sua própria vida. Não há mais diferença entre ela e o homem que a contempla. Nesse momento, quase que sublime, não há conflito entre o sujeito e a realidade, entre o pensamento e a vida, vez que ambos unificam-se em uma mesma representação de mundo. Num breve espaço de tempo, superando todas as diferenças, todas as contradições da existência, num gozo puramente estético, esse homem/povo, quase invisível ao olhar formal institucionalizado, se reconhece como sujeito, afirma-se, fazendo-se presente no mundo. Isso, por si só, basta, excede em arte. O resto é tão somente crime hermenêutico cometido pelos críticos de arte.

